

Comentários às traduções das obras de María Fernanda Ampuero e Mariana Enriquez

Comments on the translations of the works of María Fernanda Ampuero and Mariana Enriquez

Lucie Josephe de Lannoy¹

Resumo: A partir do contexto latino-americano colonizado de modo patriarcal, católico e misógino, este artigo aborda as traduções do espanhol para o português do conto “Leilão”, do livro *Rinha de galos* (2018), de Fernanda Ampuero, e de “O menino sujo”, do livro de Mariana Enriquez, *As coisas que perdemos no fogo* (2017), como uma forma de leitura na qual questões de linguagem e cultura se revelam fontes de reflexão sobre a escrita literária de mulheres latino-americanas. Essa leitura, respaldada por teorias feministas decoloniais – como as propostas por Françoise Vergès (2020), em *Um feminismo decolonial*, e por Marcia Tiburi (2018), em *Feminismo em comum: para todas, todes e todos* –, pode ampliar a percepção sobre o fazer literário e tradutório. A escolha das escritoras mencionadas e das traduções de suas obras que circulam no Brasil tem como objetivo contribuir para um diálogo Sul-Sul entre autoras, tradutores e pesquisadoras. Busca-se, com isso, pensar a tradução em articulação com os feminismos, bem como valorizar a importância da tradução literária e da literatura contemporânea na formação de estudantes de Letras.

Palavras-chave: Escritoras hispano-americanas contemporâneas. Tradução literária. Estudos Feministas da Tradução (EFT). Teorias feministas decoloniais.

Abstract: From the Latin American context, colonized in a patriarchal, catholic, and misogynistic manner, this article addresses the translations from Spanish to Portuguese of the short story “Leilão” (“Auction”), from the book *Rinha de galos* (*Cockfight*, 2018) by Fernanda Ampuero, and “O menino sujo” (“The Dirty Kid”), from the book *As coisas que perdemos no fogo* (*Things We Lost in the Fire*, 2017) by Mariana Enriquez. It proposes a reading approach in which questions of language and culture emerge as sources of reflection on the literary writing of Latin American women. This reading, supported by decolonial feminist theories – such as those proposed by Françoise Vergès (2020) in *A Decolonial Feminism*, and by Marcia Tiburi (2018) in *Feminismo em comum: para todas, todes e todos* (*Feminism in Common: for All*) – can broaden the understanding of literary and translation practices. The choice of the aforementioned writers and the translations of their works circulating in Brazil aims to contribute to a South-South dialogue among authors, translators, and researchers. The goal is to reflect on translation in connection with feminisms, as well as to highlight the importance of literary translation and contemporary literature in the education of language and literature students.

Keywords: Contemporary hispanic American women writers. Literary translation. Feminist Translation Studies (FTS). Decolonial feminist theories.

¹ Doutora em Literatura pela Universidade de Brasília; Professora Associada no Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília (UnB). Coordena o Grupo de Pesquisa Mnemosyne. E-mail: lulannoy@gmail.com. 



Introdução

Este trabalho é parte integrante do projeto de pós-doutorado em andamento, intitulado “Literatura e Tradução: escritoras hispano-americanas contemporâneas”, desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe, sob a supervisão do professor Dr. Carlos Magno Santos Gomes.

Nesse sentido, para esta etapa do projeto, escolhemos refletir sobre o primeiro conto do livro *Las cosas que perdimos en el fuego*, de Mariana Enriquez (2017), intitulado “**El niño sucio**”. O livro foi traduzido por José Geraldo Couto com o título “**As coisas que perdemos no fogo**”, e nele o conto aparece com o título “**O menino sujo**”. Também analisamos “**Subasta**”, primeiro conto do livro *Pelea de Gallos*, de Fernanda Ampuero (2018), traduzido por Silvia Massimini Felix como “**Rinha de galos**”. Nesse, o conto é intitulado “**Leilão**”.

Antes de passarmos aos comentários das obras acima mencionadas apresentamos, brevemente, alguns aportes teóricos por meio dos quais se relacionam os Estudos da Tradução com o pensamento feminista decolonial, de modo a que essa relação evidencie a pertinência da escolha de obras de escrita feminina hispano-americana contemporânea que circulam no Brasil e participam do *skopo* deste artigo.

Como observa Françoise Vergès, “um dos fatos marcantes do início do século XXI é o movimento de feministas de política decolonial no mundo. Essa corrente desenvolveu uma multiplicidade de práticas, experiências, teorias” (Vergès, 2020, p. 35). Nesse sentido, além de conceituar o pensamento decolonial, torna-se necessário problematizar o feminismo, visto que existem diferentes perspectivas. O feminismo liberal, por exemplo, da ênfase à liberação sexual e à igualdade no mercado de trabalho e é classificado por Vergès como ‘feminismo civilizatório’.

Como essa vertente do feminismo se tornou um dos pilares a ideologias que, em princípio, lhe são antagônicas: a ideologia liberal, a ideologia nacionalista xenófoba, a ideologia da extrema direita? Como os direitos das mulheres se tornaram um dos trunfos do Estado e do imperialismo, um dos últimos recursos do neoliberalismo e a mola propulsora da missão civilizadora feminista branca e burguesa? Pois esse feminismo tomou para si a missão de impor um pensamento único que contribui para perpetuar a dominação de classe, gênero e raça.

Vergès (2020) engaja-se criticamente contra a apropriação do feminismo por esse projeto civilizatório e, para tanto, recorre ao pensamento de Angela Davis, para quem “o feminismo envolve muito mais do que a igual-



dade de gênero. E envolve muito mais do que o gênero” (Davis, 2018, p. 99). Davis propõe um feminismo que extrapola a categoria “mulheres”, tradicionalmente associada a um determinismo biológico, e atribui a noção dos direitos das mulheres a uma dimensão política que leva em conta os desafios impostos a uma humanidade ameaçada de desaparecer.

Nesse contexto, Vergès se autodenomina feminista em razão da emergência de um feminismo político decolonial amplo, transnacional e plural. “Dizer-se feminista decolonial é afirmar a fidelidade à luta das mulheres do Sul global” (Vergès, 2020, p. 35).

Para a autora, o pensamento decolonial está ligado à necessidade de denunciar e tornar visível o que permanece vigente, porém negado, da estrutura colonial nas sociedades pós-coloniais. O feminismo decolonial comporta uma crítica ao eurocentrismo no pensamento feminista hegemônico. Considerando que o feminismo se curvou ao eurocentrismo, ao neoliberalismo econômico, ao imperialismo geopolítico e cultural e à colonialidade do poder epistêmico, Vergès se une às ativistas intelectuais do Sul Global na construção de perspectivas emancipatórias para os desafios do feminismo no século XXI.

No Brasil, o adjetivo decolonial é associado à recepção de estudos do grupo MCD (Modernidade/Colonialidade/Decolonialidade formado por pesquisadores latino-americanos atuantes nas Américas, como Aníbal Quijano, Walter Dignolo, Catherine Walsh). O Brasil, enquanto lugar de enunciado, evoca uma reconfiguração e um alargamento de conceitos dos EFT devido ao seu passado colonial com as consequências de desigualdade social, o que motiva a buscar novas formas de pensarmos a tradução. Para Matos e Guerini (2025), os Estudos Feministas da Tradução são concebidos,

como uma área interdisciplinar de conhecimento, cujas bases feministas se detêm sobre o fenômeno da tradução e seus agentes bem como sobre fatores sócio-históricos, políticos, culturais, econômicos envolvidos nos processos tradutórios e na transnacionalização das pautas feministas (Matos e Guerini, 2025, p. 1).

Esse campo vem sendo pesquisado desde o final do século passado. A tese de Doutorado de Naylane Araújo Matos (2022) analisa o desenvolvimento dos EFT no Brasil, com os seus percursos históricos, teóricos e metodológicos na produção científica nacional de 1990 a 2020 oferecendo um amplo panorama por meio de um mapeamento minucioso e abrangente do EFT nacional que, por falta de espaço, não descrevemos neste trabalho mas, vale mencioná-lo.



Já para Fonseca et al. (2020), o debate sobre o patriarcado na sociedade latino-americana, remetendo a Rita Segato, tem o intuito de pensar formas de atuar coletivamente, refletindo sobre o processo histórico dos vínculos a fim de instalar uma reciprocidade que produz comunidades de afetos. Fonseca et al. partem de três experiências históricas das mulheres latino-americanas, na colonização, no catolicismo e no autoritarismo para demonstrar como essas experiências de opressão estiveram marcadas por resistência em forma de tradução.

É importante salientar que os EFT não devem ser compreendidos como hegemônicos, uma vez que suas práticas e correntes teóricas se diferem nos mais diversos contextos linguísticos e geopolíticos. De fato, como enunciam Castro e Spoturno (2020), os Estudos feministas transnacionais da tradução são abordados a partir de uma posição localizada e limitada. Eles colocam em relação feminismos transnacionais e EFT valorizando espaços nessa relação para novos debates como o da interseccionalidade que explica diferentes regimes de opressão que interagem com um mundo marcado pela globalização e valores neoliberais para destacar o papel da tradução como facilitadora ou obstruidora de alianças transfronteiras que desafiam as hegemonias imperantes. Não existe, ainda segundo as autoras, uma definição nem uma práxis dos EFT que seja única nem universal. Por isso, a reflexão se rege a partir de determinado contexto de tempo, espaço, sociedade e história.

Essas reflexões teóricas nos levam a inserir o nosso estudo em uma dinâmica que procura ir além do estudo da tradução como prática interlinguística para ampliarmos as considerações de aspectos culturais, ideológicos, políticos implicados na prática tradutória, na sua reflexão e na recepção em diferentes contextos que se delimitam pela construção de diálogos feministas transnacionais.

Apresentando as autoras

Mariana Lorena Enriquez Ledesma, conhecida como Mariana Enriquez, nasceu em Buenos Aires, em 1973. Estudou na Universidad Nacional de La Plata. É jornalista, professora e integra o grupo de escritores conhecido como “a nova narrativa argentina”. Escreve contos do gênero “horror”, um tipo de narrativa que incomoda, provoca sensações de pavor, de algo abjeto, até repulsivo. Pode incluir elementos paranormais e explorar traumas e tensões, como a antecipação de algo terrível. Esse tipo de escrita pode ser entendido, em certo sentido, como uma busca por uma forma própria de narrar e, de certo modo, como expressão de participação em um processo decolonial.



Na versão original, a título de prefácio, consta uma breve apresentação dos contos que compõem o livro de Mariana Enriquez, da seguinte forma:

Nestes onze contos, o leitor fica constrangido a se esquecer de si mesmo para acompanhar as peripécias e investigações de corpos que desaparecem ou até voltam a aparecer no momento menos esperado. Trate-se de uma trabalhadora social, de um policial ou um guia de turismo, os protagonistas lutam pelo apadrinhamento de seres socialmente invisíveis, indagando sobre o peso da culpa, a compaixão, a crueldade, as dificuldades de convivência e num terror tão profundo quanto verossímil.

Com o cotidiano virado um pesadelo, o leitor acorda abatido, perturbado pelas histórias e imagens que jamais vai conseguir tirá-las da sua cabeça. As autodenominadas “mulheres ardentes”, que protestam contra uma forma extrema de violência doméstica viraliza; uma estudante que arranca as suas unhas e os cílios e outra que tenta ajudá-la; os anos com apagões de luz impostos pelo governo durante os quais três amigas, que o serão até que a morte as separe, se intoxicam; o famoso assassino em série chamado Baixinho Orelhudo, que tinha apenas nove anos de idade; hikikomori, magia negra, os ciúmes, o desamor, as superstições do campo, edifícios abandonados ou assombrados...

Mariana Enriquez é uma das narradoras mais corajosas e surpreendentes do século XXI, não apenas da nova literatura argentina composta por escritores nascidos durante a ditadura, mas, da literatura de qualquer país e língua. Ela transforma gêneros literários em recursos narrativos, desde a novela negra até o realismo sujo, passando pelo terror, a crônica e o humor, aprofundando com dor e beleza nas raízes, os lampejos e as trevas de toda existência (tradução nossa).

Já María Fernanda Ampuero nasceu em Guayaquil, Equador, em 1976. Estudou literatura e também se aventurou no jornalismo. A autora publicou, até o momento, dois livros de crônicas: *Lo que aprendí en la peluquería* e *Permiso de residencia*. Pela editora espanhola Páginas de Espuma, publicou três obras: *Pelea de gallos* (2018) – *Rinha de galos* –, *Sacrificios humanos* (2021) – *Sacrificios humanos* – e *Visceral* (2024) – *Visceral* –, as quais foram traduzidas para vários idiomas, inclusive para o português, consolidando-a como uma das vozes mais importantes da literatura latino-americana contemporânea. Recebeu o Prêmio Joaquín Gallegos Lara de Literatura e foi reconhecida entre as 100 latino-americanas mais influentes da Espanha, país para o qual migrou e onde reside desde 2005 (Enriquez, 2021). Sua obra se situa na interseção entre a condição feminina e a experiência migrante.



Pelea de gallos é um livro de contos que também pertence ao gênero literário do horror. Trata-se de uma narrativa que, a partir de diferentes vozes, fala sobre o lar – **entendido como espaço que pode construir ou destruir as pessoas** – e alude a vínculos familiares e seus segredos, relações de poder, afetos, silêncios, solidariedade e abuso. Em outras palavras, aborda os horrores e as maravilhas que podem ser vivenciadas em uma casa, o espanto e a glória da vida cotidiana, representando cenários que dizem respeito às experiências e violências ainda vividas pelas mulheres no século XXI (Enriquez, 2021).

A leitura comparada, tanto dos contos e suas traduções quanto das traduções entre si, desenvolve-se a partir de diferentes abordagens críticas. Por um lado, inspira-se na tradutologia feminista (Castro *et al.*, 2011), em teorias da tradução literária e na teoria funcionalista da tradução, como a de Christiane Nord. Para essa autora, a regra do *skopo* se resume a “os fins justificam os meios” (Nord, 1997, p. 29, citado em Gentzler, 2009). Por outro lado, a análise fundamenta-se no pensamento feminista e decolonial, como nos de Tiburi (2018) e Vergès (2020). Essa articulação permite refletir sobre estratégias tanto macro quanto micro no processo de tradução. Nesse sentido, apresentamos exemplos por meio de trechos do original e da tradução dos contos “O menino sujo” e “Leilão”.

Aspectos de gênero na tradução de “O menino sujo”

O início do conto “O menino sujo” apresenta um certo deslocamento do lugar social da narradora: “Mi familia cree que estoy loca porque elegí vivir (...) en Constitución”. Trata-se de um bairro que, como esclarece sua amiga travesti, Lala, situa a narradora como “una mujer de clase media (...) que decidió vivir en el barrio más peligroso de Buenos Aires” – ou seja, na periferia. A narradora, contudo, sugere que sua escolha faz sentido quando relacionada ao passado.

El niño sucio	O menino sujo
Pero yo siempre estuve enamorada de esta casa y, de chica, cuando se la alquilaron a un buffet de abogados, recuerdo mi malhumor (p. 1).	Mas sempre fui apaixonada por essa casa e, na infância, quando a alugaram a um escritório de advocacia, lembro do meu mau humor.

Como podemos observar no exemplo acima, a tradução da palavra *chica* – que significa “menina” na variação linguística própria da região do Rio de la Plata – e da expressão “**de chica**”, que pode ser traduzida por “**na infância**”, leva-nos a refletir sobre em que consistiria um projeto que cola-



bore com os EFT. Não seria o caso de pensarmos em evitar termos neutros como “**infância**”, para afirmar termos próprios do gênero feminino? E mantermos variações linguísticas, culturais e decoloniais, até mesmo por meio de notas do tradutor – que, neste caso, é um homem, José Geraldo Couto? Para ele, os desafios foram vários, mas, segundo afirmou em e-mail enviado em maio de 2025, podem ser resumidos assim:

Como verter para o português “brasileiro” a escrita de uma mulher argentina de uma geração mais jovem que a minha sem trair seu “lugar de fala”, sua voz, sua vivacidade no uso do coloquial, sua sintaxe pessoal? Para complicar (...), há mudanças bruscas de tom e de atmosfera que caracterizam a ficção. A busca de um vocabulário e de uma construção de frases que respeitassem ao mesmo tempo a fidelidade a essa escrita e a mantivessem viva e expressiva em português – eis o grande desafio” (Couto, em 05/2025).

Segundo o próprio Couto, ainda no mesmo e-mail, “é impossível traduzir sem trair em alguma medida”. Esse parecer sobre a tradução remete-nos a Paul Ricoeur (2011), para quem o debate sobre fidelidade e traição na tradução seria característico de uma visão idealizada do ato tradutório. Ricoeur cita Lacoue-Labarthe e Jean-Luc Nancy, que “conceberam uma versão da tradução perfeita válida para os românticos alemães sob o título de Absoluto literário” (Lacoue-Labarthe; Nancy, 1978, citado em Ricoeur, 2011, p. 28). Para Ricoeur, “na tradução também se procede a uma certa salvação e a um certo consentimento de perda” (Ricoeur, 2011, p. 22).

E é esse luto da tradução absoluta que faz a felicidade de traduzir. (...), ela aceita a distância entre a adequação e a equivalência, a equivalência sem adequação. Nisso está sua felicidade. Admitindo e assumindo a irredutibilidade do par do próprio e do estrangeiro, o tradutor encontra sua recompensa no reconhecimento do estatuto incontornável da dialogicidade do ato de traduzir como o horizonte razoável do desejo de traduzir (Ricoeur, 2011, p. 30).

Dessa forma, para além do fato de que a tradução seja fiel a uns aspectos e não a outros, o que se torna incontornável é a observação do diálogo, por exemplo, entre a análise microtextual e um horizonte macrotextual de políticas de tradução feminista transnacional, como Castro e Spoturno ressaltam, ao darem ênfase a “el papel (ético) que desempeña la traducción al possibilitar (o impedir) alianzas transfronterizas y desestabilizar (o perpetuar) diferentes regímenes de opresión que actúan en nuestras sociedades neoliberales” (Castro *et al.*, 2020, p. 6).



O título do conto – “O menino sujo” – sugere um diálogo com as “vozes dos sem nome”, com aqueles que parecem não existir, vítimas da indiferença social. E, se relacionarmos o termo “sujo” à tradução, Paul Ricoeur (2011) não apenas esclarece sobre a questão da fidelidade ao texto original, como sugere também resistirmos a uma ideia eurocêntrica do texto puro, idealizado, como se a tradução pudesse ser sem mancha, fiel à mensagem original, limpa, transparente, romântica.

O conto aborda uma realidade “outra”, um não lugar ou um entre-lugar de povos miscigenados e subalternizados, cuja “imundície” é capaz de traduzir a cultura desse “outro” sem voz, como parte de uma realidade social que permanece à sombra na América Latina, carregando um potencial de articulação com um projeto decolonial. Perceber essa realidade pode contribuir para criar lugar de fala, como diria Djamila Ribeiro (2017), às mulheres que vivem nessa sociedade que as explora e oprime.

O conto vai preparando o leitor para acolher pessoas sem nome, que vivem na rua, não apenas nomeando a exclusão social, mas criando uma forma de hospitalidade através dos diálogos e da consciência sobre a desigualdade, a injustiça e a marginalização social. Isso porque, pelo desenlace do conto, percebemos o vínculo possível que se estabelece entre a narradora e o menino sujo, o que acaba nos convocando a um compromisso com a transformação desse estado de coisas.

Analisando a tradução, observamos escolhas tradutoras que tendem a amenizar, neutralizar e suavizar elementos aos quais nos referimos no contexto acima. Seguem alguns exemplos:

Original	Tradução	Sugestão
Una cuadrilla de voluntarios	Um grupo de voluntários	Uma gangue de voluntários
apesta	cheira mal	fedo
(Las mujeres trans) defienden su baldosa	cuidam do seu espaço	defendem o seu quadrado

Neutralizar substantivos também resulta em retenção do léxico cultural. Porém, mais do que discutir as escolhas do tradutor, trata-se de perceber e valorizar a escrita de Mariana Enriquez, descobrimos, como um palimpsesto de metáforas, cada expressão e imagem da sociedade, da família, das histórias. Como por exemplo, quando a personagem reflete: “E se não sou a princesa no castelo mas a louca trancada na torre?”. O conto dá valor à cultura regional e aos santos populares, como quem aposta nos bastidores de um cotidiano urbano pobre e periférico pois ali, nessa



sombra, está o segredo do mundo para quem deixa que passe a falar a sensibilidade humana e o sentimento de habitá-lo. Uma forma feminista de anunciar, denunciando.

Ou seja, ao procurarmos um projeto de tradução consciente das suas opções extra-textuais e intra-textuais resulta um convite a retraduições parciais, a escrever notas e comentários, a fim de ampliarmos a aproximação de uma função da tradução que contribua com o debate dos feminismos.

Aspectos de gênero na tradução de “Leilão”

O conto “Leilão” se inicia com um sequestro. A personagem não tem ciência do local em que se encontra, porém reconhece, no desconhecido, a sua infância. Nesse sentido, a narradora elabora uma alternância temporal, oscilando entre o aqui e o agora e as memórias do passado – especificamente as da infância –, evidenciando o horror por meio do contraste entre a ternura da criança e a crueldade do pai, como podemos observar no seguinte trecho:

Texto original	Tradução de Silvia Massimini Felix
En algún lugar hay gallos. Aquí, de rodillas, con la cabeza gacha y cubierta con un trapo inmundo, me concentro en escuchar a los gallos, cuántos son, si están en jaula o en corral. Papá era gallero y, como no tenía con quién dejarme, me llevaba a las peleas. Las primeras veces lloraba al ver al gallito desbaratado sobre la arena y él se reía y decía <i>mujercita</i> .	Em algum lugar perto daqui há galos. De joelhos, com a cabeça baixa e coberta com um trapo imundo, concentro-me em escutar os galos, quantos são, se estão numa gaiola ou no galinheiro. Meu pai criava galos de briga e, como não tinha com quem me deixar, me levava às rinhas. Das primeiras vezes, eu chorava ao ver o galinho desnorteadado na arena, e ele ria e me chamava mulherzinha.

Teóricos da tradução funcionalista, como Nord (1997) e Vermeer (1989), nos lembram que,

sem insistir na tradução perfeita como meta, ou em qualquer estratégia em particular, os funcionalistas, pragmáticos, só pedem que os tradutores se empenhem em obter soluções ótimas dentro das condições existentes e reais. Eles podem preferir ser fiéis ao espírito do texto-fonte ou podem escolher uma estratégia do tipo palavra por palavra, ou ainda podem acrescentar, deletar ou mudar informações como bem julgarem, dependendo das condições culturais e das necessidades do público/consumidor. De fato, os teóricos funcionalistas tendem a atenuar as fronteiras definicionais da própria tradução (Gentzler, 2009, p. 100).



Ao observarmos a tradução da frase introdutória do conto: “Em algum lugar perto daqui há galos”, notamos a intervenção da tradutora por meio do acréscimo de “perto daqui”. Ao entrarmos em contato com ela, nos disse que, em português, a frase inicial “Em algum lugar há galos” ficaria solta, não soaria bem. De fato, Horacio Quiroga (1927), escritor uruguaio e teórico do conto, dizia que o início de um conto é tão decisivo para motivar o leitor quanto a conclusão.

A tradutora disse ainda que tem muita atenção para com o público leitor. Nesse sentido, o *skopos* da tradução foi realizado. Entretanto, o nosso questionamento parte do horizonte de um projeto de tradução que participe dos EFT. E, temos observado que a tradução “segundo teorias feministas não hegemônicas importa para não se universalizar experiências sobre tradução e ativismo intelectual. Por exemplo, as omissões ou os acréscimos operados em um texto devem ser compreendidos na sua especificidade e explicada em paratextos” (Curiel e Silva-Reis, 2019, p. 242). Já, uma explanação dentro da própria tradução, como mostra o trecho acima em relação ao termo “*gallero*”, traduzido por meio de uma metonímia: “Meu pai criava galos de briga”, revela-se uma estratégia de tradução que funciona. Mas, se pensarmos na manutenção de elementos culturais, o texto carece de uma nota de rodapé que esclareça o uso desse substantivo na cultura urbana do Equador, o qual se relaciona diretamente com o tema da denúncia da opressão feminina. “*Gallero*” se diz de uma pessoa valente, briguenta, brava, comparando-a com um galo de rinha, tanto positivamente – alguém valente – quanto negativamente – alguém conflitivo, agressivo. E, inclusive, em um contexto coloquial urbano, se entende “*gallero*” como um homem que anda com muitas mulheres, como se fosse um galo entre as galinhas. Não à toa, essa metáfora relacionada à narrativa do conto “Leilão” dialoga com o que Segato assinala como “*pedagogias de la crueldad*”, que

são definidas como atos e práticas que ensinam, habituam e programam sujeitos para atuar em uma “coisificação” da vida – com destaque à exploração sexual das mulheres –, apontando que as relações de gênero e patriarcado têm um papel relevante como cena prototípica deste tempo. Ao considerar que as formas de dominação da história colonial se mantêm na atualidade e que essas formas fazem com que o homem camponês ou indígena, bem como o homem das massas urbanas de trabalhadores precarizados tendam a seguir o mesmo padrão hierárquico-social, as novas formas de guerra na América Latina intervêm no âmbito dos vínculos domésticos de gênero (Segato, 2018, *In*: Fonseca *et al.*, 2020).



A expressão “*mujercita*”, em ambos os idiomas, tem uma conotação pejorativa. “Mulherzinha” é alguém frágil e desprezível, no sentido da opressão. Nesse contexto, ela indica o pai que reprime os sentimentos da filha – de medo e de compaixão pelo galo ferido, destripado. Aliás, a tradução ameniza o adjetivo “desbaratado”, ao vertê-lo como “desnortado” – termo que sugere mais uma perda de noção mental, sem apelar para a ideia de um corpo com partes desencontradas, dispersas e desarranjadas, como de fato o animal se encontra após a briga.

Ao longo do conto, observamos a normalização da violência. O fato de a rinha de galos ser uma atividade clandestina soma-se à ausência de denúncia dessa prática e à vivência de uma situação de abuso na infância. São questões que a personagem, já adulta, de certa forma consegue ressignificar, utilizando-se dessa memória traumática para “fugir” de um perigo maior.

Como podemos ver, a personagem esteve, na infância, sujeita a uma série de violações de sua integridade física e psicológica, sem qualquer suporte ou apoio para reportar tais transgressões. De fato, Saffiotti nos explica:

No grupo domiciliar e na família não impera necessariamente a harmonia, porquanto estão presentes, com frequência, a competição, a trapaça e a violência. Há, entretanto, uma ideologia de defesa da família, que chega a impedir a denúncia, por parte de mães, de abusos sexuais perpetrados por pais contra seus (suas) próprios(as) filhos(as), para não mencionar a tolerância, durante anos seguidos, de violências físicas e sexuais contra si mesmas (Saffiotti, 2015, p. 78).

O conto permite a denúncia da opressão, da violência e da misoginia sofrida por mulheres na América Latina e a tradução permite a leitoras e leitores brasileiros dialogarem com um conto equatoriano. Nesse sentido: “a tradução de obras feministas consideradas subalternas no seu contexto de produção de origem, pode contribuir a revitalizar os feminismos nos contextos de recepção” (Castro e Spoturno, 2020, p. 29).

Considerações finais

Como lembra François Vergès, “defender os feminismos de política decolonial hoje (...) é afirmar nossa fidelidade às lutas das mulheres do Sul global que nos precederam” (Vergès, 2020, p. 35). Ao longo de toda a história, as mulheres tiveram suas experiências marcadas por resistência na forma de tradução. O que viria a ser essa conjugação de feminismos, decolonialidade, tradução na América Latina?



Ainda que essa pergunta continue em aberto, este trabalho é como um esboço de leitura que conjuga literatura, tradução, teoria como experiência propicia à reflexão atenta à linguagem e a uma maior compreensão de categorias como “mulher”, “gênero”, “patriarcado”, “pedagogias”, relacionadas com noções de transnacionalismo, decolonialidade, interseccionalidade, motivada pelas escritoras latino-americanas contemporâneas Mariana Enriquez e Fernanda Ampuero. Procurar refletir sobre a tradução das suas obras no Brasil é uma forma de somar à resistência, à criatividade de coletivos de mulheres que criam consciência para saber se opor, se insurgir, ressignificar e articular um sentido maior à luta por dignidade em contextos tão desafiadores.

No Brasil, desde a época colonial, a tradução feminista se relaciona à luta das mulheres por melhores condições de vida. Nos últimos anos, temos visto desabrochar pesquisas sobre teoria e práticas feministas em tradução e a circulação cada vez maior de obras de mulheres hispano-americanas traduzidas. Contudo, obras comentadas e comentários às traduções, da lista cada vez maior de escritoras contemporâneas ainda é um campo que pode ser bem mais explorado.

Quanto aos contos traduzidos e comentados parcialmente, neste trabalho, observamos o seguinte: a escolha de traduzir e fazer circular essas obras em Latino-america participa de um projeto em saída dessa dominação cultural eurocêntrica. Interessante o que diz Maria Lugones, citada por Françoise Vergès: “a experiência histórica das mulheres colonizadas não é apenas a de uma desqualificação racial, mas também a de uma determinação sexual. As mulheres colonizadas são reinventadas como mulheres com base em normas, critérios e práticas discriminatórias experimentadas na Europa medieval” (Vergès, 2020, p. 56). E está mais do que na hora de reivindicar e expressar um espaço próprio de ressignificação.

Quanto aos tradutores de Mariana Enriquez e de Fernanda Ampuero, podemos dizer que, um tem tendência a usar a língua padrão, a neutralizar substantivos e certas expressões, a criticar certo estilo fragmentado e não europeizado, a nem sempre preservar o vocabulário periférico e o sotaque local sem, por isso, deixar de traduzir com cuidado, com a fluidez, cultivando a qualidade do texto com equilíbrio entre equivalência e adequação, entre domesticar ou estrangeirizar, etc. e, enquanto à outra tradutora, ela interfere no texto fazendo acréscimos ou duplicando frases e com diversas manipulações, o que poderíamos concluir que quem traduz é visível, mas, não é nesse sentido que reclama-se da necessidade de dar visibilidade às tradutoras, como projeto feminista.



Afinal, por meio dessas duas obras, entramos em contato com tradutores cujos *modus operandi* parecem tender, cada um, ora para extremos opostos, ora para aspectos comuns. Nesse sentido, mais do que o processo tradutório, o que acaba servindo à causa transformadora dos feminismos na tradução, na literatura e em Latino-américa é o processo de aproximar-se das obras, das escritoras, dos tradutores situados a partir de elementos para refletirmos coletivamente. Pois, na prática, o leitor sente-se instigado não tanto pelas escolhas tradutórias em si, quanto pelo fato de ter ao alcance obras que propiciam um diálogo Sul-Sul – para além de restrições ou ampliações motivadas por projetos e possibilidades editoriais, ensejar desenvolver uma consciência cidadã favorável ao engajamento social. E, participar, assim, de uma virada tradutória atenta à complexa constituição das mulheres e suas lutas por uma vida melhor e, quem sabe mais livre, também por meio da tradução e seus mais variados desdobramentos.

Referências

- AMPUERO, Fernanda. **Pelea de gallos**. Madrid: Páginas de Espuma, 2018.
- AMPUERO, Fernanda. **Rinha de galos**. Tradução de Silvia Massimini Felix. Belo Horizonte: Moinhos, 2021.
- CASTRO, Olga; ERGUN, Emek; FLOTOW, Luise von; SPOTURNO, María Laura. Towards transnational feminist translation studies [versión en español de Martha Pulido]. **Mutatis Mutandis: Revista Latinoamericana de Traducción**. Medellín, v. 13, n. 1, p. 2-10, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.17533/udea.mut.v13n1a01>. Acesso em: 30 jun. 2025.
- CURIEL, Ochy; SILVA-REIS, Dennys. Pensar a tradução e o feminismo negro: entrevista com Ochy Curiel. **Revista Ártemis**. João Pessoa, v. 27, n.1, p. 241-245, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1807-8214.2019v27n1.46711>. Acesso em: 30 jun. 2025.
- ENRIQUEZ, Mariana. **Las cosas que perdimos en el fuego**. Barcelona: Anagrama, 2016.
- ENRIQUEZ, Mariana. **As coisas que perdemos no fogo**. Tradução de José Geraldo Couto. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.
- FONSECA, Luciana Carvalho; SILVA, Liliam Ramos da; SILVA-REIS, Dennys. Apontamentos basilares para os estudos da tradução feminista na América Latina. **Mutatis Mutandis: Revista Latinoamericana de Traducción**. Medellín, v. 13, n. 2, p. 210-227, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.17533/udea.mut.v13n2a01>. Acesso em: 30 jun. 2025.
- GENTZLER, Edwin. **Teorias contemporâneas da tradução**. Tradução de Marcos Malvezzi. São Paulo: Madras, 2009.
- LACQUE-LABARTHE, Philippe; NANCY, Jean-Luc. **L'absolut littéraire**: théorie de la littérature du romantisme allemand. Paris: Seuil, 1978.



MATOS, Naylane Araújo e GUERINI, Andréia. Estudos Feministas da Tradução no Brasil: ampliando perspectivas e abordagens. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, 33(3): e106926.

MATOS, Naylane Araújo. **Estudos feministas da Tradução no Brasil**: Percursos históricos, teóricos e metodológicos na produção científica nacional (1990-2020). Florianópolis, UFSC (Repositório), 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/238193/PGET0545-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Consulta em 28/08/2025.

QUIROGA, Horácio. **El decálogo del perfecto cuentista**. Buenos Aires: 1927. Disponível em: https://hum.unne.edu.ar/asuntos/concurso/archivos_pdf/decalogo.pdf. Acesso em: 30 jun. 2025.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RICOEUR, Paul. **Sobre a tradução**. Tradução de Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

SAFFIOTI, Helena. **Gênero, patriarcado e violência**. Fundação Perseu Abramo; Expressão Popular, 2015.

SEGATO, Rita. **Contra-pedagogías de la crueldad**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu, 2020.

